

“Berenice, eu sempre achei que você tinha problemas psiquiátricos. Hoje, eu tenho certeza.”

Esta frase, dita pelo meu amigo irmão ao ler a manchete dos jornais do domingo dia 4 de junho de 2005 dando conta da minha nomeação para a presidência da então FEBEM ilustra bem o que todos pensavam a respeito da aceitação do convite que me fora formulado pelo Governador Geraldo Alckmin dois dias antes.

Só de janeiro a junho de 2005, a Fundação tinha tido 35 rebeliões com a fuga de 652 adolescentes. Afora os problemas dos anos anteriores.

Certamente, não foi por soberba ou por ignorância da realidade que eu aceitei o desafio. Aceitei-o porquê estava segura do que estava fazendo! Em nenhum momento, tive dúvida em anuir ao convite, tanto que, exceção feita a meus pais e o Dr. Nagashi Furukawa que me indicara para o cargo, ninguém mais soubera da novidade. Temia que se o fizesse teria ouvido aquela primeira frase várias e várias vezes.

O que dizer 12 anos depois? Que valeu a pena! Foram anos de muitas lágrimas, muitos episódios inusitados, muitas noites sem dormir, zero de rotina, muitas decepções, mas também de muita realização, de muitos risos, de novos amigos e de muito aprendizado. Levo histórias para contar. Algumas que amigos sabem e outras que é melhor aguardar o prazo prescricional para contar.

De uma instituição desorganizada, desacreditada e muito criticada, conseguimos – eu e minha equipe – torná-la referência no atendimento socioeducativo no Brasil.

E como isto foi possível? Acreditando que era possível mudar e contando com um grupo valoroso de funcionários.

Hoje, todos os jovens da Fundação frequentam a escola formal, estando matriculados em escolas da rede pública e com acesso a todo o material escolar e didático das demais escolas. Além do lanche escolar e do acesso aos exames e certificações regulares.

A área de educação profissional – que era embrionária – tornou-se pujante, com a atual parceria com o SENAC em todas as nossas unidades de internação, com cursos de qualidade devidamente certificados.

A área de arte e cultura também se profissionalizou com as parcerias com a Ação Educativa, CENPEC, CEDAP, GAP e GURI propiciando o acesso à cultura, e as mais diversas linguagens artísticas.

Na educação física e esporte, chegamos ao cúmulo da loucura ao realizar Olimpíadas com 1.200 jovens no mesmo local, o Ginásio do Ibirapuera, sem qualquer incidente por vários anos seguidos.

Na saúde, aprovamos o Plano Operativo Estadual – tendo sido o primeiro estado a fazê-lo – conseguindo colocar equipes mínimas de atendimento nas unidades com enfermeiros, auxiliares de enfermagem, médicos, dentistas e nutricionistas. Fizemos um programa para a vacinação de todos os jovens, com acesso às vacinações regulares da saúde pública. Emitimos cartão SUS a todos, inclusive para que o usem quando saírem em liberdade. Fizemos parceria com o Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo para o atendimento dos jovens com problemas de saúde mental que perdurou por 10 anos. Iniciamos trabalhos de mediação de conflitos entre jovens e entre jovens e servidores.

Criamos equipes de referência nos centros de atendimento que possibilitaram a cada jovem conhecer quem deveria atendê-lo, bem como propiciando neste atendimento a participação das equipes de segurança.

Na área de segurança, conseguimos atuar na prevenção, com planos de contingência para todas as unidades, com postos de trabalho e orientações adequadas para um bom atendimento. As rebeliões caíram de 53 em 2005 para uma em 2009 e duas em 2016.

Inauguramos o planejamento estratégico em 2005, definindo desde então nossa Missão, Visão e Valores e fazendo, ao longo dos 12 anos, planos anuais que começavam nas unidades, passavam pelas divisões regionais e terminavam em reuniões com a executiva da Fundação. Foram nessas reuniões de planejamento que definimos nossa estratégia de atuação, o que era necessário rever, fortalecer, implantar ou implementar.

O Plano Plurianual e a peça orçamentária apresentados ao Governo para serem levados à Assembleia Legislativa deixaram de ser peça de ficção para se transformarem em trabalho pensado, realizado e mensurado. Gastávamos bem – é verdade – sempre conseguimos executar mais que 99% do nosso orçamento, mas gastávamos com qualidade. Nossos jovens recebem na fundação tudo o que precisam: além da educação em suas

diversas vertentes como acima dito, e do atendimento em saúde (aí incluídos o atendimento do serviço social e da psicologia) também todo o seu vestuário, suas roupas de cama e banho, seus livros, sua alimentação, seus calçados... Tudo para se lhes permitir um atendimento integral e para evitar que eles fossem cooptados pelo crime organizado. Ninguém precisava suprir suas necessidades básicas. Nós, o Estado, o fazíamos. Não permitíamos “jumbo” que tanto mal provocam em nossos presídios.

Para os servidores, criamos um Plano de Cargos, carreiras e salários, demitimos quase todos os cargos em comissão – hoje são apenas 76 dos 12.000 servidores da CASA – o que possibilitou a ascensão dos funcionários de carreira aos cargos mais elevados, em uma medida pensada para que a política de atendimento ao jovem não se perdesse com as eventuais mudanças de gestão. Criamos um banco de remoções de unidades para evitar os antigos apadrinhamentos nas alterações de lotação, fizemos concursos anuais de promoção para mudança de nível. Contratamos um plano de saúde para os servidores e seus familiares, pagando 80% de seu valor. Instituímos o vale alimentação e o BONUS anual, que equivale a um salário a mais por ano desde que atingidas metas fixadas em indicadores previamente estudados, incluídos nestes a melhoria nos índices de reincidência e as avaliações feitas por instituições externas: Poder Judiciário e Ministério Público.

Criamos o programa de atenção à saúde do trabalhador, com exames médicos periódicos, vacinação, atendimento na área social, análise de riscos no ambiente de trabalho, instalação de CIPAS e tudo o mais que a legislação prevê, mas que até 2005 não existia na Fundação.

Criamos a Escola para a Formação e Capacitação Profissional, que passou a ser responsável pela capacitação inicial dos servidores e sua capacitação continuada – hoje praticamente toda realizada em ambiente virtual de aprendizagem para diminuir custos. Pensamos e elaboramos uma revista com temas ligados à infância e juventude.

Elaboramos Manuais para todas as áreas. Com um detalhe: tudo feito por nós! Economizamos rios de dinheiro ao não contratar especialistas para dizer como devíamos atuar. Nós mesmos discutíamos entre nós e redigimos os nossos manuais da pedagogia, segurança, enfermagem, serviço social, psicologia, atendimento ao gênero feminino, lavanderia, nutrição etc.

Criamos um sistema de informática que nos permitiu ter informações detalhadas de todos os jovens, de todas as unidades e de todos os servidores, lembrando que sem números não se faz diagnóstico e sem diagnóstico não se tem ação. Ou ela não se coaduna com a realidade.

Hoje qualquer município pode acessar os dados dos jovens que estão na fundação para preparar seu retorno para o Município. Pena que neste país tão pobre, vários municípios ficaram impedidos de ter acesso a tais dados simplesmente porque não têm recursos para adquirir computadores.

A partir de 2008, passamos a gerenciar as vagas de nossas unidades, com o inestimável apoio da Corregedoria do Tribunal de Justiça.

Também abrimos nossas portas para a sociedade civil. Temos unidades em gestão compartilhada: 22 centros em que a sociedade civil local nos auxilia no atendimento, criando uma rede bastante positiva para o jovem e sua família. Abrimos as portas para pesquisadores como os do Instituto Sou da Paz

Construímos 74 centros de atendimento de tamanho pequeno, para levar os jovens mais perto de sua comunidade e de sua família. Desativamos, em outubro de 2007, o complexo do Tatuapé, local de triste memória.

Consolidamos a atuação da Corregedoria Geral, conseguindo excluir dos quadros alguns servidores que se desviaram da missão institucional.

Tudo isso propiciou que nós recebêssemos elogios do Conselho Nacional de Justiça quando realizou amplo e geral programa de visitas nas unidades de internação de todo o Brasil – o Programa Justiça ao Jovem – tendo sido o Estado de São Paulo escolhido como o local em que a política era realizada com maior organização, com caráter pedagógico inegável e atestando “que a Fundação CASA tinha substituído com amplas vantagens a antiga FEBEM”.

Assim, devo agradecimentos muito especiais a todos que ficaram a meu lado nestes doze anos.

Aos Governadores Geraldo Alckmin, Claudio Lembo, José Serra e Alberto Goldman com quem trabalhei e que acreditaram sempre em mim e deram suporte para as transformações.

Ao Dr. Nagashi que sempre me apoiou, especialmente no começo quando tudo parecia tão surreal.

Aos servidores da fundação que acreditaram, apoiaram e implantaram nossas propostas construídas democraticamente em conjunto. E aqui vai meu especial elogio a minha amiga Maria Eli Colloca Bruno que, com seus 71 anos, dá banho de vitalidade em muito jovem de 30. À minha amiga Sara Correa, que um dia após uma tremenda rebelião no Tatuapé me telefonou e disse: não desista, você tem uma missão a cumprir. A minha amiga Cris Gasparin, que nunca parou de fazer orações e acender velas por mim. Aos vários Juízes Corregedores e auxiliares da Corregedoria que, a par de fazerem as devidas correições, também me orientavam, e compartilhavam comigo ideias e sugestões, mostrando que o interesse não era punir os gestores, mas melhorar o sistema socioeducativo. E aqui meu especial agradecimento ao Dr. Reinaldo Cintra. Tenho até vergonha de dizer o quanto você me ensinou, meu amigo. Aos promotores, que também apoiaram e compartilharam ideias, e o faço na pessoa do Dr. João Marcos de São José dos Campos com quem trabalhei nos 12 anos. Ele que sempre cobrou a Fundação com firmeza, mas com elegância e educação. A Defensoria que também foi parceira em muitos momentos e à PGE, instituição à qual pertenço e que permitiu meu afastamento da carreira durante tantos anos e me apoiou com pareceres escritos e orientações ao telefone.

E a minha família. Minha mãe que infelizmente não está mais presente fisicamente, mas que tenho certeza hoje está em festa no céu. A meu pai que sempre me corrigiu o português especialmente, que me criticou quando foi necessário e que dizia a suas filhas: estudem porque a única coisa que ninguém tirará de vocês é o conhecimento adquirido e que também sempre me impulsionou a aceitar desafios (aliás, 20 dias antes de alguém pensar em meu nome para a FEBEM, ele – ao saber da saída do antigo Presidente – me perguntou: está pronta para assumir a Fundação? premonitório o papai! A meu marido, que aguentou os telefonemas de madrugada, às 7h00 e às 19h00 de passagem de plantão e, atualmente, os irritantes barulhos do WhatsApp. Às minhas irmãs, que me deram a alegria dos sobrinhos que, junto com meu tênis e meus shorts, sempre alegraram e desanuviaram meus dias.

E, por último, um agradecimento muito especial ao Tribunal de Justiça de São Paulo, na pessoa de seu Presidente Desembargador Paulo Dimas Mascaretti, e à sua Coordenadoria da Infância e Juventude, na pessoa do

Dr. Eduardo Gouvea. Pelo apoio e por esta linda homenagem que jamais sonhei receber na vida.

Mas, depois de 12 anos, o que fazer mais? Já estava com a sensação de estar buscando as mesmas velhas soluções para os mesmos velhos problemas.

Além disso, passei a ter a nítida sensação de que de nada adiantaria fazer um bom trabalho na fundação se não conseguíssemos enquanto sociedade diminuir a entrada dos jovens no crime.

Temos uma realidade nacional desastrosa: 60 mil homicídios por ano, a maioria de homens jovens e negros das periferias; temos na fundação 96% dos jovens que ostentam defasagem idade X série, ou seja, estão fora da série escolar correta para a idade que têm, 30% de abandono e evasão escolar. Isto sem contar aqueles que estão matriculados, na série adequada, mas que são analfabetos funcionais. Um desastre!

Pois bem, acho que chegou a hora de eu, enquanto cidadã, partir para novos desafios. Não sei bem ainda quais serão, nem bem o que fazer, mas tenho convicção que com tudo o que aprendi, estou pronta para compartilhar com quem se interesse em construir uma nova sociedade, mais justa, mais igualitária, mais comprometida com nossas crianças, com nossas escolas e com nossa juventude carente de oportunidades. Para que possamos trazer e praticar a cultura da não violência para a resolução de conflitos. Menos polícia e mais educação para melhorar a segurança pública. Menos armamento e mais políticas sociais de desenvolvimento do ser humano, de sua transformação em um cidadão efetivo e não em um mero consumidor que foi o que assistimos no Brasil nos últimos anos. Menos unidades de internação e mais escolas estruturadas e preparadas para receber e não expulsar as crianças e jovens do século XXI.

Como disse, não sei bem o que ou como fazer, mas confio que nós que fazemos parte desta casta de servidores públicos honestos e comprometidos com a causa pública, que nós que queremos uma sociedade melhor temos que nos unir e nos comprometer com o bem comum. Proponho que caminhemos juntos nesta direção. Este é meu compromisso agora.

Muito obrigada a todos.